

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Silviano Santiago e o debate da formação

Ana Karla Carvalho Canarinos

<https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20261167>

Submetido em: 2026-10-06

Postado em: 2026-10-06 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

10.1590/2596-304x202628e20261167

Dossiê

Silviano Santiago e o debate da formação
Silviano Santiago and the debate on formation

Ana Karla Carvalho Canarinos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-1999-7213>

anakarla.canarinos@gmail.com

Submissão: 21/06/2026

Aceite: 27/09/2026

Declaração de disponibilidade de dados de pesquisa:

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Declaração de conflito de interesses:

Os autores declaram não haver conflito de interesse.

Declaração de uso de Inteligência Artificial:

Não houve utilização de ferramentas de Inteligência Artificial.

Editor-Chefe: Andrei dos Santos Cunha

Editor Executivo: Anderson Bastos Martins

Editoras Associadas: Germana Henriques Pereira; Rachel Esteves Lima

RESUMO

Este artigo objetiva analisar o lugar ocupado por Silviano Santiago no debate da formação, questão fundamental que apresenta uma larga tradição crítica desde as produções de Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda até Florestan Fernandes, Raymundo Faoro e Antonio Candido. Para tanto, o texto propõe a hipótese de que o debate da formação atravessa dois eixos centrais na crítica de Santiago: 1) a desconstrução de Jacques Derrida, cujo conceito de herança é fundamental; 2) a discussão em torno do modernismo, período literário que reformula a dialética entre centro e periferia e que é essencial para a formulação de seu conceito de inserção. Sob este aspecto, pensar o debate da formação na produção de Silviano Santiago permite analisar o seu lugar na história da crítica literária brasileira, bem como a sua relação com a obra de Antonio Candido e a desconstrução de Jacques Derrida.

PALAVRAS-CHAVE: Silviano Santiago; formação; inserção.

ABSTRACT

This article analyses the place occupied by Silviano Santiago in the debate on formation, a fundamental issue that has a long critical tradition, from the works of Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, and Sérgio Buarque de Holanda to Florestan Fernandes, Raymundo Faoro, and Antonio Candido. In that regard, this article proposes the hypothesis that the debate on formation traverses two central axes in Santiago's critique: 1) the deconstruction of Jacques Derrida, whose concept of heritage is fundamental; 2) the discussion surrounding modernism, a literary period that reformulates the dialectic between centre and periphery and which is essential for Santiago to formulate their concept of insertion. From this perspective, considering the debate on formation in Silviano Santiago's work allows us to analyse its place in the history of Brazilian literary criticism, as well as its relationship with the work of Antonio Candido and the deconstruction of Jacques Derrida.

KEYWORDS: Silviano Santiago; formation; insertion

Introdução

O debate da formação foi uma das principais questões com que a geração de críticos literários brasileiros de 1970 precisou se defrontar. Paulo Arantes, em *Sentido da Formação* (1997) e *Sentimento da dialética* (1992), mapeia toda uma tradição de autores e sociólogos que desde os anos 1930, com Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda até Florestan Fernandes, Raymundo Faoro e Antonio Candido, criaram diferentes narrativas sobre a modernização brasileira, e como, em alguma medida, ela foi responsável pelo agravamento da dependência do período colonial. De acordo com Arantes, “éramos uma tal ‘imundície de contrastes’ que os fenômenos culturais, de tão desencontrados, proibiam qualquer síntese interpretativa, pois nada lhe correspondia na vida real do espírito, ainda desconjuntada (Arantes, 1997, p. 18)”, por isso, a sua conclusão é de que nossos problemas, em grande medida, retornam ao perene impasse formativo, cuja narrativa sempre tem no horizonte uma origem e uma cronologia que repõe as mesmas contradições arcaizantes mesmo quando sob um paradigma moderno. Isto porque a nossa formação é “ainda mal resolvida [...]. Entroncado na tradição ensaística clássica, Antonio Candido não só respondia a um problema que de fato existira, como também poderia ajudar a desatar um nó histórico que não se desfizera (Arantes, 1997, p. 18-19)”.

Sob este aspecto, Antonio Candido, representa dentro da narrativa da formação, uma figura central, fundamental para a construção de uma história literária que rompe com os padrões das histórias de Silvio Romero, José Verísismo e Capistrano de Abreu.

Não somente Paulo Arantes, mas também Leopoldo Waizbort, em *A passagem do três ao um* (2007), percebe na teoria da formação de Candido um ponto de inflexão na crítica e na escrita historiográfica, pois “limita-se ao processo de formação e não diz respeito à história como um todo – e com isso articula-se à totalidade que não é completude” (Waizbort, 2007, p. 127). A revisão dos princípios da historiografia de Candido viria de um processo de acumulação intelectual (desde as críticas literárias de Machado de Assis, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Sílvio Romero, Mário de Andrade, Oswald de Andrade), o qual é absorvido pelo crítico na tentativa de síntese da formação da tradição literária brasileira, o que o colocaria, para Waizbort, numa posição análoga à de Machado, só que no campo da crítica: “Note-se, portanto, que o momento de acabamento do ciclo formativo coincide com o momento de autoconsciência na crítica. Se para Machado de Assis falta a crítica, [...] para Antonio Candido, o diagnóstico machadiano da falta já é, ele mesmo, a dimensão auto-reflexiva (Waizbort, 2007, p. 141)”. Sob este aspecto, este artigo pretende analisar como Silviano Santiago se relaciona tanto com a crítica integrativa de Candido, quanto com o debate da formação ao repensar o conceito de tradição pela perspectiva da herança. De acordo com nossa hipótese, o debate da formação atravessa dois eixos centrais na crítica de Santiago: a desconstrução de Jacques Derrida, cujo conceito de herança é fundamental, assim como a discussão em torno do modernismo, período literário que reformula a dialética entre centro e periferia e que é essencial para a formulação posterior de seu conceito de inserção.

A tradição como formação e a herança como decisão

Antonio Candido, na *Formação da literatura brasileira* (1959), foi o responsável por sistematizar os problemas em torno da nossa dupla fidelidade – nacional e universal - a partir de um ponto de vista da tradição, a qual é regida pelo princípio da acumulação literária, cuja organização ocorre através de denominadores comuns “que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase (Candido, 2012, p.25)”. Estes denominadores são compostos pelas características internas: língua, temas, imagens e contexto histórico-social, que juntos, “fazem da literatura aspecto orgânico da civilização (Candido, 2012, p.25)”. O principal denominador que o crítico brasileiro encontra seria o nacionalismo, uma vez que o objetivo desde os neoclássicos no Brasil é o de “construir uma literatura

como prova de que os brasileiros eram tão capazes quanto os europeus, e mesmo quando procuram exprimir uma realidade puramente individual, estão visando este aspecto (Candido, 2012, p.28)".

A partir de outro ponto de vista, Silviano Santiago, em "O entre-lugar do discurso latino-americano" defende a inversão das hierarquias, em que a cópia não está mais fadada a posicionar-se de maneira periférica, assim como a originalidade não está automaticamente relacionada ao centro europeu, mas "entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão (Santiago, 2019, p.29)". Ou seja, o binarismo entre cópia e original é dissolvido no conceito de entre-lugar. Isso impacta a noção de tradição, conceito essencial para a teoria da formação de Antonio Candido. Em "Literatura como sistema", o autor afirma que o objetivo da *Formação da literatura brasileira* é "estudar a formação da literatura brasileira como síntese de tendências universalistas e particularistas. Embora elas não ocorram isoladas, mas se combinem de modo vário a cada passo desde as primeiras manifestações, aquelas parecem dominar nas concepções neoclássicas, estas na românticas (Candido, 2012, p.25)". A formação da literatura brasileira como composta de elementos nacionais e europeus é o que fundamenta a noção de tradição, cujo início teria se dado no Arcadismo, considerando a necessidade do tripé autor, obra e público, para que ela pudesse se desenvolver e acumular, como na imagem da transmissão da tocha entre corredores (Candido, 2012, p. 25).

Silviano Santiago questiona o conceito de tradição ao longo de toda sua produção e o projeto de Pierre Menard seria a metáfora ideal que o crítico encontra para explicar a relação complexa entre a Europa e o Novo Mundo, assim como coloca em xeque a tradição, por funcionar enquanto um elemento criador de hierarquias, e nesse sentido esse projeto representaria "a assimilação do modelo original, isto é, entre o amor e o respeito pelo já escrito, e a necessidade de produzir um novo texto que afronte o primeiro e muitas vezes o negue (Santiago, 2019, p. 26)". A originalidade da obra visível de Pierre Menard "reside no pequeno suplemento de violência que instala na página branca sua presença e assinala a ruptura entre o modelo e sua cópia, e finalmente situa o poeta face à literatura, à obra que lhe serve de inspiração (Santiago, 2019, p. 26-27)". Tendo em vista a falta de um centro que pudesse conduzir o jogo, essa ausência é preenchida através do movimento

da complementaridade. A inexistência de um centro ou de origem vai ser substituída por um signo que suprirá essa ausência, funcionando como algo a mais, isto é, como um suplemento que não se constituirá jamais em um novo centro.

Portanto, a originalidade da literatura latino-americana estaria justamente no pequeno suplemento, cuja função seria a de assinalar a ruptura entre o modelo e a sua cópia, não se tratando de uma acumulação literária como proposta por Antonio Candido. Derrida, em *Gramatologia* (1967), desconstrói o texto enquanto uma tessitura coesa, uniforme e completa: “em sua sintaxe e em seu léxico, no seu espaçamento, por sua pontuação, suas lacunas, suas margens, a pertença histórica de um texto não é nunca linha reta. Nem simples acumulação de camadas (Derrida, 2017, p. 126)”. A violência e a transgressão que a segunda obra realiza em relação ao modelo - uma violência suplementar - para Silviano Santiago, não funciona de maneira acumulativa cuja finalidade seria a formação de um sistema literário, mas através do conceito de herança. E as noções de herança e tradição cumprem papéis completamente distintos, sobretudo porque dentro do conceito de herança não há formação, uma vez que não há totalidade. A este respeito, Leopoldo Waizbort, em *A passagem do três ao um* (2007), analisa a tradição em Candido através de um diálogo com Ernst Curtius, cuja ideia de sistema literário “implica, para Curtius, a capacidade de uma literatura nacional interpretar-se a si mesma (Waizbort, 2007, p. 100)”. Isso implica uma noção de história literária que busca a totalidade abdicando da ideia de completude. Isto é, Leopoldo Waizbort demonstra como a formação de Candido, a despeito de leituras mais críticas que tratam a sua *Formação da literatura brasileira* como uma história teleológica, apresenta uma complexidade temporal por conta das múltiplas temporalidades que são equacionadas na perspectiva do narrador da história literária contada em sua obra.

De acordo com Waizbort, a perspectiva do narrador da *Formação da literatura brasileira* (1959) é do final dos anos 1950 do século XX, e “só se põe na perspectiva dos primeiros românticos para poder ganhar um *ponto de partida* (Waizbort, 2007, p. 127)”, no entanto, a história é narrada nos anos 1950, prospectivamente ao período da formação, levando portanto, a uma teleologia, que de acordo com Waizbort, estaria inscrita na perspectiva do narrador da história, no caso, o ponto de vista de Antonio Candido, e não estaria situada no processo histórico: “essa teleologia inscrita na perspectiva do narrador limita-se ao processo da formação e não diz respeito à história como um todo – e com

isso articula-se à totalidade que não é completude (Waizbort, 2007, p. 127)”. Ou seja, Candido não inclui o modernismo e os anos 1950 na sua história literária, limitando-se a terminá-la com Machado de Assis, cuja obra é posterior aos primeiros românticos. O arco que parte do arcadismo e desemboca em Machado, movimento que constrói a ideia de formação, partiria da perspectiva do próprio narrador e não da completude do processo histórico. Haveria a totalidade da formação, uma vez que o sistema literário se formaria com Machado, mas ela não seria completa, pois a narrativa terminaria antes do presente do narrador.

Silviano Santiago não apenas elabora a questão da formação de maneira distinta, como também questiona as possibilidades do conceito de explicar a literatura produzida na periferia. O crítico irá apresentar a proposta da “inserção” como uma possibilidade diante da “formação”, em textos como “Formação e inserção” (2012), “Anatomia da formação: a literatura brasileira à luz do pós-colonialismo” (2014) e “A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, um depoimento” (2023). De acordo com Santiago, a noção de formação em Candido sempre esteve atrelada com conceito de *Bildung* alemão, cuja finalidade teleológica sempre esteve no horizonte. Segundo o crítico: “a produção literária descrita por Antonio Candido, ‘*Bildung*’ passa a qualificar nosso desejo literário de independência e de liberdade sob o jugo do poder colonial da cultura portuguesa, nosso desejo de autonomia política e literária (Santiago, 2014, s/p)”. Nesse sentido, como aponta Maurício Hoelz, no verbete “inserção”, publicado no *Glossário Silviano Santiago*, a inserção não seria apenas uma contra-argumentação à teleologia e mesmo elitismo imanente na ideia de formação, mas seria uma “noção pós-*Bildung*” (Hoelz, 2025, s/p), justamente por conta do esgotamento deste conceito, cujo sentido é pautado no nacionalismo, na teleologia e no progresso. Hoelz ainda destaca que “A crítica de Silviano, portanto, é cumulativa e dialógica com os próprios pressupostos do conceito de formação, baseados na “verificação crítica da tradição” como “força produtiva deliberada” (Schwarz, 1999: 46) (Hoelz, 2025, s/p)”. A menção de Maurício Hoelz ao trabalho de Roberto Schwarz não é acidental, não apenas pelo famoso embate a respeito do lugar das ideias no Brasil¹, mas também pela defesa da tradição que está na base do

¹ Bernardo Ricupero analisou detidamente o debate do lugar das ideias no Brasil em dois artigos: “O lugar das ideias: Roberto Schwarz e seus críticos” e “Da formação à forma: Ainda ‘as ideias fora do lugar’”.

pensamento schwarziano. A análise da importância da obra de José de Alencar para a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, ou mesmo a crítica de “Nacional por subtração” às novidades teóricas que são incorporadas constantemente sem formarem uma tradição de pensamento no Brasil são alguns exemplos disso.

Em última instância, Maurício Hoelz aponta como a formação reitera o critério ocidentalizante - fardo da condição de nação periférica - enquanto padrão normativo e hierárquico, sempre buscando formar uma tradição literária, cuja existência precisa ser legitimada de fora para que alcance a tão desejada universalidade estética. Nesse sentido, a formação traz em si mesma uma duplicidade, ao mesmo tempo que questiona a colonização e os valores europeus, também se rende ao critério da ocidentalização. Alfredo Melo, em “A formação como nacional-ocidentalização” afirma que em *Candido* não havia apenas o desejo de se ter uma literatura que expressasse a nação, mas de uma que ajudasse a construí-la, e neste ponto aparece a tensão nacionalista-ocidentalista. De acordo com Melo, há pelo menos duas concepções de formação latentes em *Candido*: a primeira, relacionada ao estudo e cultivo das obras nacionais consideradas ruins, com o objetivo de fortalecer a nação; a segunda, voltada para as produções universais europeias devido à nossa má formação. Essas duas concepções, por sua vez, estão vinculadas com “o bom papel que a literatura desempenha na formação cultural e social do Brasil, ou aquilo que também chamo de nacional-ocidentalização (Melo, 2020, p. 139)”. A inserção, por outro lado, recuperando a máxima de Hélio Oiticica em *Brasil diarreia* (1973) sobre a importância da “inserção da linguagem-Brasil em contexto universal”, tem como objetivo reelaborar a herança europeia e o lugar da nação dentro do que a Europa denominou Ocidente.

Sob este aspecto, podemos relacionar o conceito de inserção, considerando o seu caráter negativo em relação à ideia de formação latente no conceito de tradição, com a metáfora da herança, cujo termo repensa noções como passado, luto e morte. Essas questões também estão diretamente implicadas na noção de tradição, no entanto, no conceito de herança, a unidade presumida pela tradição é desconstruída. Em *Espectros de Marx*, Derrida anuncia já no seu Exórdio o passado enquanto um “aprender a viver com os fantasmas [...] e este estar-com os espectros seria também, não somente, mas também, uma *política* da memória, da herança e das gerações (Derrida, 1994, p. 11)”. E a

importância de falar de uma geração de fantasmas que não estão mais presentes, nem vivos, seria em nome da justiça. “É preciso falar *do* fantasma, até mesmo *ao* fantasma e *com* ele, uma vez que nenhuma ética, nenhuma política, revolucionária ou não, parece possível, pensável e justa, sem reconhecer em seu princípio o respeito por esses outros que não estão mais (Derrida, 1994, p. 11)”. Ao longo do livro, um dos principais fantasmas enfrentados pelo filósofo são os espectros de Marx, cuja manifestação no presente se daria a partir de um certo Marx e não de sua completude, uma vez que ela é inacessível. “Não sem Marx, não há futuro sem Marx, sem a memória e sem a herança de Marx: em todo o caso, de um certo Marx, de seu gênio, de um ao menos de seus espíritos. Pois esta será nossa hipótese, ou antes, nosso *parti-pris*: *há mais de um, deve haver mais de um* (Derrida, 1994, p. 30)”. A herança de Marx é múltipla, infinita, o que configura a “heterogeneidade radical e necessária da herança (Derrida, 1994, p. 31)”. Sob este aspecto, ser herdeiro implica um duplo movimento entre presença e ausência, o qual é inseparável da passividade e da escolha. Não escolhemos ser herdeiros de Marx, apenas o somos, não há uma escolha entre ser ou não ser herdeiro.

Somos herdeiros, o que não quer dizer que temos ou que recebemos isto ou aquilo, que tal herança nos enriquece um dia com isto ou aquilo, mas que o ser disso que somos é, primeiramente, herança, o queiramos, saibamos ou não. (Derrida, 1994, p. 79).

Se ser herdeiro não é uma escolha, mas uma condição, o que se faz com essa herança, em contrapartida, se configura como uma tarefa. “A herança não é jamais dada, é sempre uma tarefa. Permanece diante de nós, tão incontestavelmente que, antes mesmo de querê-la ou recusá-la, somos herdeiros, e herdeiros enlutados, como todos os herdeiros (Derrida, 1994, p. 78)”. Nesse sentido, qual Marx iremos escolher, filtrar e criticar, teremos obrigatoriamente que escolher. E a escolha implica pelo menos duas questões: o testemunho de quem somos, “testemunhar seria testemunhar o que somos à medida que herdamos, e aí está o círculo, aí está a oportunidade ou a finitude, herdamos isto mesmo que nos permite dar testemunho (Derrida, 1994, p. 79)”; e a justiça com os mortos, e é neste ponto que reside a principal diferença com o conceito de tradição. Como Derrida afirma, “uma herança não se junta nunca, ela não é jamais uma consigo mesma. Sua unidade presumida, se existe, não pode consistir senão na injunção de reafirmar escolhendo (Derrida, 1994, p. 33)”. A injunção da escolha, Derrida recupera de Hamlet, cujo personagem amaldiçoa o destino que o teria predestinado para ser o homem do

direito, um reparador de erros, um sujeito que faz parte de uma geração “destinada a herdar (Derrida, 1994, p. 39)”. A herança não segue uma linha cronológica, não é coesa, fechada e ela implica uma decisão, cujo sentido joga com os campos da possibilidade e da impossibilidade não de forma dialética, mas pela via da aporia.

O acerto de contas com o espectro, ou com a tradição, implica uma decisão entre o *to be or not to be* shakespeariano, pois nem todas as obras do passado merecem ser lidas e relidas, ou mesmo, serem analisadas a partir de uma perspectiva dogmática e conservadora: “Não se herda nunca sem se explicar com o espectro e, desde então, com mais de um espectro. Com a falta, mas também a injunção de mais de um” (Derrida, 1994, p. 39). Contra todo dogmatismo totalitário, Derrida propõe uma leitura de Marx que não seja doutrinária, mas que ilumine a dimensão revolucionária e irreconciliável dos textos marxianos. Sob este aspecto, o acerto de contas com os espectros de Marx passaria pelo jogo entre recuperá-lo do esquecimento produzido tanto pelo capitalismo quanto pela leitura doutrinária e consensual, e ao mesmo tempo evocar, filtrar, criticar e julgar uma nova leitura. Na verdade, ser herdeiro de Marx e decidir afirmativamente pela sua herança seria fazer surgir a dimensão intempestiva – ou revolucionária – de seu texto. Em suma, os espectros são também “o que se imagina, o que se acredita ver e que é projetado: sobre uma tela imaginária, aí onde há nada para se ver. Nem mesmo a tela, às vezes, e uma tela sempre tem, no fundo, no fundo que ela é, uma estrutura de aparecimento-desaparecimento (Derrida, 1994, p. 138)”. O espectro aparece por meio de uma visitação, de uma representação ou de uma decisão, mas ele não está presente em carne e osso, por isso o jogo entre aparecimento e desaparecimento ou possibilidade e impossibilidade. E por essa não-presença empírica do espectro, é necessário que se leve em conta seu tempo e sua história, assim como sua singularidade. A decisão afirmativa pela herança coloca o herdeiro numa posição fora do tempo, no ainda por vir, por conta da impossibilidade de reconhecer e identificar *a priori* o texto de Marx. Os espectros, nesse sentido, são tanto aquilo que tentamos evocar em seu texto, em seu por vir, assim como os espectros que o próprio Marx buscava evocar. Élisabeth Roudinesco, em “Jacques Derrida: espectros de Marx, espectros de Freud”, aponta que tanto Freud quanto Marx são nomes de uma herança que surgem enquanto espectros para Derrida, uma vez que eles estão incorporados a uma história da qual só é possível se desvencilhar se eles forem declarados mortos: “Mas de tanto invocar seu poder de intrusão, nem que seja para poder nos livrar

dele, reaparecem como espectros, como uma ameaça por vir, que acreditamos passada, mas cujo retorno precisamos exorcizar (Roudinesco, 2021, p. 143)”. É pela impossibilidade de acessá-los completamente que surge a possibilidade de reelaboração dos seus textos.

Em suma, o que nos interessa de toda essa discussão é a condição de herdeiro do passado, cuja decisão de corresponder à herança implica uma seleção, um filtro, um julgamento, uma crítica, ou em termos derridianos, em um enfrentamento com o espectro, seja pela invocação ou pelo exorcismo. O enfrentamento do passado, em razão da recusa ao caráter doutrinário, não implica teleologia ou linearidade, uma vez que a condição de herdeiro pressupõe a sua reelaboração constante, assim como uma escolha dentro da herança que não é una ou coesa, mas múltipla e impossível de ser apreendida em sua totalidade. E essa decisão pela herança implica uma questão ética, pois ao dizer sim à herança, o herdeiro é capaz de transformá-la e mantê-la viva.

Ora, é preciso (e este é preciso está inscrito diretamente na herança recebida), é preciso fazer de tudo para se apropriar de um passado que sabemos no fundo permanecer inapropriável, quer se trate aliás de memória filosófica, da precedência de uma língua, de uma cultura ou de uma filiação em geral. Reafirmar, o que significa isso? Não apenas aceitar essa herança, mas relançá-la de outra maneira e mantê-la viva. (Derrida, 2004, p. 12).

Mas a decisão de ser herdeiro e de manter a herança viva se traduz em uma aporia no raciocínio derridiano. A decisão pela justiça só é possível num entre-lugar entre a possibilidade de *estar-com* os fantasmas e a impossibilidade de *estar-com* eles. Nabil Araújo, em “Do julgamento inaugural – e sua (im)possibilidade: perdão, justiça, crítica” (2021), faz uma leitura cerrada de *Força de lei*, de Jacques Derrida, apontando a estrutura aporética da decisão “do justo” e do “perdão”. Por um lado, Araújo aponta como só é possível exercer ou violar a justiça quando há uma decisão, seja pela justiça, seja pela injustiça, uma vez que o sujeito é responsável por sua própria decisão. Mas a decisão precisa seguir “uma lei/prescrição/regra, deve poder ser da ordem do calculável/programável; mas se me limito, aí, a explicar uma regra, a desenvolver um programa, a efetuar um cálculo, *não houve* decisão (Araújo, 2021, p. 85)”. Portanto, para que uma decisão seja justa, ela precisa ser regrada e desregrada ao mesmo tempo, da mesma forma manter e destruir a lei, para deste modo, ser capaz de reelaborá-la e reinventá-la. Nesse sentido, a decisão de herdar implica uma indecidibilidade, no sentido de uma decisão da impossibilidade. De acordo com Nabil Araújo, as regras em questão

na indecidibilidade são a um só tempo imperativas e contraditórias entre si, “elas se apresentam, no momento do julgamento, como igualmente possíveis, mas não compossíveis, isto é, não possíveis ao mesmo tempo (Araújo, 2021, p. 88)”. O espectro do indecidível seria o elemento que assombraria o sujeito no instante da decisão, o qual “tem lugar como performance irruptiva de uma decisão impossível, melhor dizendo, de uma dupla decisão no indecidível – uma decisão acerca do objeto do julgamento ao mesmo tempo que se acerca da própria regra a permitir o julgamento do referido objeto, ato de justiça, enquanto tal sem garantia (Araújo, 2021, p. 89-90)”.

A ferida do julgamento inaugural ou a ferida causada pela aporia do ato de justiça e da decisão do justo, implica o perdão, outro tema caro a Derrida e que está relacionado com a sua abordagem da herança. Marcos Natali, em “O sacrifício da literatura” recupera o início do texto “Circonfession”, de Jacques de Derrida, em que o filósofo confessa: “entre outros remorsos relacionados à minha mãe, sinto-me culpadíssimo por publicar o seu fim, por exhibir seus últimos suspiros e pior ainda, com finalidades que alguns poderiam julgar literárias (Derrida *apud* Natali, 2020, p. 91)”. A culpa por escolher o trabalho da escrita ao invés do sofrimento pela morte de sua mãe é lida por Natali como a transferência da ideia de causa para a de destinatário, ou seja, *Circonfession* pode ser lido como um pedido de “perdão pelo sacrifício cometido, por haver sobrevivido, por ter levado adiante o trabalho do luto, por haver transformado o luto em um trabalho (Natali, 2020, p. 2015)”. O crítico retoma as diferentes leituras em torno do episódio bíblico do sacrifício exigido a Abrão de seu único filho Isaac – realizadas por Søren Kierkegaard, Emmanuel Lévinas, Jacques Derrida e Jacques Rancière -, cujos pontos de vista, ainda que iluminem aspectos diferentes, percebem na estrutura sacrificial a relação entre a ética e a estética através do ato da escrita literária. A literatura como um pedido de perdão e, da mesma forma, uma confissão da culpa, atesta, em alguma medida, aquilo que Marcos Siscar, em “Perdoar, a propósito de Derrida” (2021), afirma a respeito do caráter “indesconstrutível” da literatura, como se diante dela, “a desconstrução se mostrasse mais claramente atenta à demanda ética que vem do texto, mais explicitamente mobilizada pelo excitante do outro (Siscar, 2021, p. 58)”.

Se a literatura, de acordo com Siscar, está explicitamente mobilizada pelo outro, a crítica e a teoria precisam acertar contas com os espectros destes autores mortos, cuja tarefa é constantemente renovar, reelaborar e modificar a herança enquanto condição

incontornável do passado. A decisão pela herança enquanto uma tarefa, cujo *modus operandi* implica o tratamento de temas como a justiça e o perdão, mas sobretudo de uma política da memória, não concebe o passado enquanto uma tradição linear pautada na lógica familiar do pai que cede lugar e legitima o espaço do filho, mas como uma condição aberta a aporética. Flora Sussekind, em *Tal Brasil, qual romance?* (1984) já havia relacionado o funcionamento da identidade na crítica literária nacional pela metáfora da paternidade, cuja discussão incide diretamente no conceito de sistema literário de Antonio Candido: “Paternidade, autoria e nacionalidade parecem ser, portanto, coisa que não se discute. São princípios a que se obedece com um pedido de benção [...]. O patriarca costuma funcionar como princípio de identidade para a família (Sussekind, 1984, p. 32)”. E quando há a fuga da identidade, ou “quando tal obra não corresponde a tal escritor e tal escritor, por sua vez, a tal tradição literária, não é mais a família, mas uma cultura nacional que se deixa invadir pela inquietação (Sussekind, 1984, p. 33)”. Santiago, apesar de organizar a discussão de outro modo, - muito mais próximo da desconstrução de Derrida do que Flora, pois ela cita o pós-estruturalismo de Foucault e Deleuze em sua obra - também apresenta uma forma distinta de pensar a obra literária numa perspectiva diacrônica que fuja de uma temporalidade progressiva preconizada pela formação.

O modernismo e a formação

Luís Augusto Fischer, em *Duas formações, uma história* (2021), destaca: “na minha avaliação, há de fato outro momento decisivo na conta [...]. Um momento que define o ponto de vista, permanecendo escondido. Momento este, o terceiro decisivo [...], o ponto de vista de Candido é o dos primeiros modernistas paulistas (Fischer, 2021, p. 123)”. Para Fischer, o modernismo enquanto terceiro momento decisivo da formação ocorre por dois grandes motivos: 1) “pela afinidade entre o desejo nacionalista de ambos os momentos, o romântico e o modernista paulistano”; 2) “pela trajetória mesmo de Antonio Candido” (Fischer, 2021, p. 123). Assim como Silviano Santiago, Fischer também coloca Antonio Candido como uma peça importante do modernismo brasileiro, sobretudo na consolidação crítica do movimento.

Fischer divide a obra de Candido em duas etapas: a primeira fase correspondente aos anos da maturação do autor e se estende até meados de 1960, com a publicação de obras importantes como *A Formação da literatura brasileira* (1959) e *Literatura e*

Sociedade (1965); a segunda inicia-se por volta de 1960 e nela aparecem ensaios importantes como “De cortiço a cortiço” e “A dialética da malandragem”. Segundo Fischer, na primeira etapa de sua produção “Candido parece empenhar-se profundamente na validação do Modernismo, seja saudando as obras renovadoras oriundas daquele âmbito, seja interpretando e reinterpretando o passado da literatura e da cultura no Brasil pela lente polida dos anos 20 (Fischer, 2021, p. 125)”. Em “Literatura e cultura de 1900 a 1945”, Antonio Candido afirma que dois momentos mudaram os rumos da inteligência nacional: o romantismo e o modernismo. Ou seja, se na *Formação* o Arcadismo aparece como um momento de inflexão, em “Literatura e cultura” ele é substituído pelo Modernismo, o que para Fischer está relacionado com o nacionalismo latente nos dois movimentos.

Em “Fechado para balanço”, publicado em *Nas malhas da letra*, Silviano Santiago elenca três ciclos de interpretação do modernismo brasileiro. O primeiro é concernente aos romancistas cariocas, colaboradores da revista *Lanterna Verde* (1936), como José Lins do Rêgo, Octávio de Faria e Tristão de Ataíde. Para estes autores, o modernismo paulista de 1922 morreu, e assumem que, para eles, a Semana de Arte Moderna sequer existiu. O segundo ciclo é composto pelos críticos literários e historiadores da literatura, cujo objetivo era pensar a tradição fora dos “neo”: “quando o binômio tradição e seriedade era de praxe, sua limpeza foi orientada com vistas à exclusão tanto dos ‘neo’ (neorromânticos, neoparnasianos e neosimbolistas) quanto dos iconoclastas (Santiago, 2002, p. 96)”. Portanto, se para o primeiro ciclo, o modernismo deveria ser enterrado, para o segundo ciclo de interpretações, o objetivo principal estava centrado em determinar quais escritores de fato mereciam pertencer à tradição modernista.

Para Santiago, a postura crítica de hierarquizar os autores entre os melhores e os piores comumente recai num “recalque do tecido histórico que é manufaturado pelo ‘crítico’. Isso quer dizer que toda avaliação é feita em favor de alguma coisa (Santiago, 2002, p.96)”. Silviano Santiago parece enquadrar Antonio Candido neste segundo grupo, sobretudo quando o crítico afirma “a picada que conduzia a crítica ao passado [pelo segundo ciclo] era feita a partir do seu ponto de chegada. A picada era a linha da tradição modernista que se manifestava pela primeira vez (Santiago, 2002, p. 96)”. Ora, é justamente esta a visão que Santiago questiona no critério da formação em Candido: a constituição de uma tradição baseada num pressuposto modernista, isto é, a ideia de que

o Romantismo espelharia ou prepararia o caminho para a chegada do Modernismo. Tendo em vista que o subtítulo da *Formação* é “Momentos decisivos”, os dois momentos importantes preconizados por Candido são o Arcadismo e o Romantismo, no entanto, a perspectiva do narrador seria modernista, pois ele já sabe onde o pós-Formação vai chegar na teleologia, por isso Fischer considera o modernismo enquanto um terceiro momento decisivo da historiografia de Candido.

Retornando ao texto “Fechado para balanço”, o ciclo se fecha com João Alexandre Barbosa, em “A modernidade do romance”, publicado 1982 – ano do “sexagenário aniversário do modernismo” (Santiago, 2002, p. 85). O fechamento do ciclo ocorre justamente com um herdeiro da *Formação*, cujo texto afirma que o Modernismo é herdeiro de Machado de Assis e que apenas poucos autores sobram para de fato contar a história literária do modernismo e seus efeitos no Brasil: “Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, e com muito boa vontade percebe-se no fundo do palco um outro bastante ferido, Clarice Lispector (Santiago, 2002, p. 85-86)”. Portanto, o sexagenário aniversário do movimento marcaria o fim de uma série de interpretações, sintetizadas nestes três ciclos, que não obstante as diferenças de ênfase – seja na crença ou não do modernismo, seja na escolha dos autores que compõem uma tradição – todas as interpretações têm em comum a característica do autoritarismo.

Pensamos assim porque o projeto básico do modernismo – que era o da atualização da nossa arte através de uma escrita de vanguarda e o da modernização da nossa sociedade através de um governo revolucionário e autoritário – já foi executado, ainda que discordemos da maneira como a industrialização foi implementada entre nós. Acabou se concretizando através da opção pelo capitalismo periférico e selvagem, abafando outras opções socioeconômicas dentro de semelhante projeto de progresso (Santiago, 2002, p. 86).

Para Silviano Santiago, o autoritarismo do modernismo está na crença de que até 1922 a literatura brasileira era importada, alienada e falsa. Portanto, fazia-se necessário um movimento radical como o modernismo para criar uma consciência nacional nos produtores de cultura brasileiros. Outro ponto é concernente à posição ocupada pelos intelectuais, que se colocavam como guias da nação, fator que culminou na Ditadura Vargas de 1930 a 1945. A revolução na estética preconizada pelos modernistas de 1922, segundo Santiago, desemboca num “perfil de intelectual intolerante, de feição totalitária e bem pouco democrático nas suas intenções revolucionárias, pois deseja modernizar o Brasil e atualizar sua arte pela destruição de seu oposto (Santiago, 2002, p. 89)”. O

progresso presente em certa interpretação da estética modernista precisa ser revisto não com o intuito de desenvolver uma nova interpretação sobre o impacto que a Semana de 1922 teve na intelectualidade nacional, mas com o objetivo de rever uma ideia de temporalidade, ou seja, de repensar a tradição fora desses marcos históricos já falidos. Sob este aspecto, aqui Santiago está repensando o paradigma da formação ao propor uma nova forma de pensar a tradição e o passado. De acordo com o crítico, João Alexandre Barbosa é o representante do fechamento dos ciclos e, “em virtude dos romances que (...) encadeia numa linha extremamente retilínea e radical, em virtude do vigor da tradição que ele traça, pode-se ver neutralizado o potencial criativo dos nossos jovens romancistas (Santiago, 2002, p. 99)”. Sob este aspecto, os novos romancistas precisam se desvencilhar de tais paradigmas modernistas para não correrem o risco de serem sempre avaliados por esse mesmo crivo de escrita. Não apenas os novos autores são recorrentemente neutralizados por essa régua de avaliação imutável nos críticos, como também é necessário pensar numa “tradição-sem-tradição”, autores que foram esquecidos e que podem apontar diferentes caminhos que não sejam apenas a linha evolutiva de Mário de Andrade - Oswald de Andrade - Graciliano Ramos – Guimarães Rosa – Clarice Lispector.

Trata-se de lembrar que, se pensarmos em outros nomes – possivelmente uma outra tradição-sem-tradição, indicando outras opções de escrita ficcional entre nós – daríamos conta de que um diferente percurso de leitura poderia ser estabelecido. Este percurso, porque escapa ao fechamento do modernismo que estamos propondo, pode funcionar como instigante facção para uma futura releitura do movimento. Levamos em consideração dois autores que têm sido bastante negligenciados pela tradição modernista e que, a meu ver, estão constituindo um bom repositório para a contestação atual da estética originada em 1922 e, ao mesmo tempo, representam uma saudável mudança de ares para o jovem romancista. Acredito mesmo que o espírito deles já perpassasse as obras de ficção mais equivocadas, como sempre acontece quando está para surgir ou já surgiu algo de novo no horizonte intelectual. Seria o caso de perguntar – reportando-nos ao número de equívocos acertados que detectamos nos últimos anos da prosa de ficção brasileira – o que seria do modernismo inicial sem a contribuição de Guilherme de Almeida ou de Menotti del Picchia, ou o que seria do romance dos anos 30, de feição regionalista, sem a presença de *A bagaceira*. (Santiago, 2002, p. 100)

Santiago repensa as redes hierárquicas criadas com o modernismo de 1922 e entende a formação de tradição como uma narrativa que poderia ser contada de outra forma. Qual seria essa outra narrativa da tradição? A partir da tarefa da herança, que precisa enfrentar os espectros pelo indecível, ou seja, precisa escolher tendo em vista a ausência de garantia e de finalidade, assim como precisa ser decidida enquanto um julgamento inaugural que guarda uma “dupla decisão no indecível – uma decisão acerca do objeto do julgamento ao mesmo tempo que acerca da própria regra a permitir o

juízo do referido objeto, ato de justiça enquanto tal sem garantia (Araújo, 2021, p. 90)". Ou seja, uma tradição-sem-tradição, como afirma Santiago, é o juízo que não recai na ausência absoluta de regras, mas tampouco é determinada completamente por elas. A decisão estaria no entre-lugar e na aporia. Apenas desta forma é possível fazer justiça ao passado.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentido da Formação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ARAÚJO, Nabil. "Do juízo inaugural – e sua (im)possibilidade: perdão, justiça, crítica" In: ARAÚJO, Nabil. *Sobre o perdão e a solidariedade dos vivos: diálogos com Jacques Derrida e Evandro Nascimento*. São Paulo: Alameda, 2021.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Élisabeth. *De que amanhã... diálogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FISCHER, Luís Augusto. *Duas formações, uma história: das ideias fora do lugar ao perspectivismo ameríndio*. Porto Alegre: Arquipélago, 2021.

HOELZ, Maurício. "Inserção". In: CÁMARA, Mario. Glossário Silviano Santiago. *Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*. 19 de set, 2025.

MELO, Alfredo Cesar. "A formação como nacional-ocidentalização". In: *Criação e crítica*, n.26, 2020.

NATALI, Marcos. "O sacrifício da literatura". In: *A literatura em questão: sobre a responsabilidade da instituição literária*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020

RICUPERO, Bernardo. "O lugar das ideias: Roberto Schwarz e seus críticos". In: *Sociologia e antropologia*, vol.3, n.6, pp.525-556, 2013.

RICUPERO, Bernardo. “Da formação à forma: Ainda ‘as ideias fora do lugar’”. In: *Lua Nova*, São Paulo, n.73, pp.59-69, 2008.

ROUDINESCO, Élisabeth. Jacques Derrida: espectros de Marx, espectros de Freud. In: ARAÚJO, Nabil. *Sobre o perdão e a solidariedade dos viventes: diálogos com Jacques Derrida e Evando Nascimento*. São Paulo: Alameda, 2021.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTIAGO, Silviano. “Formação e inserção”. *Estadão*, 26 de mai, 2012.

SANTIAGO, Silviano. “A anatomia da formação: a literatura brasileira à luz do pós-colonialismo”. *Folha de S. Paulo*, 7 set, 2014.

SANTIAGO, Silviano. “A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, um depoimento”. *Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*. 20 jun, 2023.

SISCAR, Marcos. Perdoar, a propósito de Derrida. In: ARAÚJO, Nabil. *Sobre o perdão e a solidariedade dos viventes: diálogos com Jacques Derrida e Evando Nascimento*. São Paulo: Alameda, 2021.

SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.